

CONCEPÇÕES DE DOCENTES DE EDUCAÇÃO BÁSICA SOBRE VACINAS: UM REFLEXO DO CONTEXTO PANDÊMICO

Daniela Franco Rosa ¹

Maria Rita Avanzi ²

RESUMO

A educação brasileira modificou o sistema de ensino durante a pandemia da COVID-19, impondo mudanças significativas ao sistema tradicional de ensino presencial, para o digital como alternativa para viabilizar o ensino emergencial na Educação Básica. Nesse contexto, o tema “vacina/imunização” ganhou grande relevância devido às polêmicas surgidas no período. A participação ativa dos docentes no ensino sobre vacinas, um tema previsto em documentos norteadores, mostrou-se fundamental para a prevenção de doenças e para a promoção da saúde. Diante desse cenário, este trabalho teve como objetivo investigar as concepções de professores de escolas públicas acerca das alterações ocasionadas pela pandemia em sua prática docente sobre ensino de vacinas para o Ensino Fundamental II. Utilizando a metodologia qualitativa e a partir da aplicação de um questionário, observou-se que a temática das vacinas foi abordada por docentes de diversas áreas do conhecimento e em diferentes momentos da profissão. Houve um aumento na frequência e na ênfase em que o tema é tratado em sala de aula, bem como o destaque para importância da vacinação e o combate intenso à desinformação. Além disso, os professores relataram que os alunos traziam informações distorcidas para a sala de aula, exigindo uma postura de mediação crítica do conhecimento e a promoção do letramento científico e informacional. Conclui-se que a pandemia não apenas reafirmou como também intensificou o papel fundamental dos professores na promoção da saúde pública por meio da educação científica.

Palavras-chave: Vacinação, Ensino de Vacinas, Ensino de Ciências, *Fake news*.

INTRODUÇÃO

O novo coronavírus, SARS-CoV-2, teve sua origem na província de Wuhan, na China, em dezembro de 2019 e rapidamente alcançou outros países da Ásia, Américas e Europa (WHO, 2023). A notificação de casos graves de pneumonia causada pelo vírus provocou mudanças profundas na dinâmica mundial e nas relações interpessoais, levando à redução das atividades presenciais, à medida de distanciamento social extrema e à adoção de novas metodologias e estratégias educacionais (Moreira et al., 2020). Uma delas foi a adesão abrupta ao ensino remoto emergencial para a Educação Básica com aulas remotas em plataformas digitais em substituição às aulas presenciais (Rondini et al., 2020). A aula remota exige que os participantes do processo educacional tenham conhecimento das tecnologias

¹ Graduada do Curso de Ciências Biológicas da Universidade de Brasília - DF, danielafrancorosa@gmail.com;

² Professora orientadora: Professora titular do Núcleo de Educação Científica, Universidade de Brasília – DF, mariarita@unb.br.





utilizadas nas atividades. Apesar de ter garantido a continuidade das atividades, o ensino emergencial recebeu diversas ressalvas, tais como: diminuição da interação professor-aluno; a inadaptação dos discentes às plataformas digitais e a dificuldade dos docentes no planejamento didático (Rondini et al., 2020).

Durante o ano de 2022, período pós-pandêmico, foi possível observar que a educação brasileira passou por muitas adversidades. A pandemia evidenciou que as estratégias adotadas para a adequação ao “novo normal” do cotidiano e do sistema educacional brasileiro não foram suficientes. Nesse contexto, Martins (2020, p. 251) destaca algumas preocupações e cuidados que se devem ter com o ensino após a pandemia, como “as condições de trabalho do docente, a qualidade do processo de ensino-aprendizagem, a relevância e o significado dos temas a serem abordados, o desenvolvimento de práticas pedagógicas centradas no estudante”. Devido à conjuntura do Brasil naquele período, é necessário ressaltar a pertinência do tema “Vacina” e da necessidade de mudanças da prática docente a respeito da temática, uma vez que estudos mostram a necessidade e a importância de se trabalhar o assunto (Cunha et al., 2014; Lima et al., 2021; Soares; Silva, 2021; Vieira; Silva, 2015).

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o ensino de vacina é previsto na área de Ciências da Natureza no 7º ano do Ensino Fundamental II (EF II) na unidade temática Vida e Evolução, tendo como objeto de conhecimento os programas e indicadores de saúde pública para desenvolver a habilidade EF07CI10 (Brasil, 2018, p. 347). No Distrito Federal, o Currículo em Movimento também prevê o conteúdo de vacinação na mesma área e ano de ensino, com a abordagem dos seguintes conteúdos: a) Políticas públicas em saúde; b) História da vacinação; c) Vacinação e políticas públicas; d) Calendário de vacinação; e) Erradicação e controle de doenças; f) Movimento antivacina (Distrito Federal, 2018).

Apesar desses temas estarem concentrados na área de Ciências da Natureza, a saúde constitui um eixo transversal da educação, com isso, espera-se que esses assuntos sejam abordados também em outras áreas do conhecimento, como na área de Ciências Humanas em que o conteúdo da Revolta da Vacina é previsto para o 9º ano do EF II (Distrito Federal, 2018). Nesse contexto, os professores desempenham um papel essencial no ensino sobre vacinas. A partir de sua prática docente é possível mostrar a importância da vacina, estimular a vacinação e combater a desinformação (Cunha et al., 2014; Soares; Silva, 2021; Vieira; Silva, 2015). O conhecimento sobre vacinação contribui para a compreensão de sua responsabilidade social, ajuda a combater a desinformação e a hesitação vacinal, que podem levar a surtos de doenças evitáveis (Lima et al., 2021).





Nesse sentido, o processo de alfabetização científica pode auxiliar os alunos a compreender e discutir os significados construídos pela ciência (Lima et al., 2021). Contudo, Vieira e Silva (2015) apontam que 88% dos docentes de uma escola pública de Minas Gerais não se sentem preparados para abordar o conteúdo de vacinas. Embora o estudo seja anterior à pandemia, espera-se que o tema seja um assunto mais abordado no contexto pós pandêmico devido à importância e às polêmicas manifestadas durante o período.

A participação ativa de educadores no ensino sobre vacinas é primordial para a prevenção de enfermidades e para a promoção da saúde. A partir de um levantamento bibliográfico, foi possível perceber a escassez de trabalhos abordando as perspectivas dos docentes relacionada ao ensino de vacinas. Com base no exposto, este trabalho teve como objetivo investigar as concepções de professores de escolas públicas do DF e entorno sobre as alterações ocasionadas pela pandemia da COVID-19 em sua prática docente no ensino de vacinas no EF II.

METODOLOGIA

A metodologia desta pesquisa utiliza uma abordagem qualitativa de caráter exploratório (Gil, 2002). Uma pesquisa qualitativa é aquela que busca uma resposta não mensurável a uma questão particular, com destaque para a natureza social da investigação (Minayo et al., 2011). O público participante deste trabalho foram 20 professores de escolas públicas que trabalham no EF II, sem restrição em relação a sua área de conhecimento de atuação. O instrumento de pesquisa utilizado foi um questionário elaborado no Google Forms™ contendo 21 questões. O questionário foi dividido em duas partes: uma destinada à caracterização dos docentes e outra à investigação das mudanças em suas práticas no período pós-pandêmico. Para garantir a exaustividade, as perguntas objetivas continham uma opção “outro” com espaço para resposta aberta. Precedendo as perguntas, foi disponibilizado o Termo de Consentimento Livre e Informado (Gil, 2002). O questionário ficou disponível pelo período de 23 de janeiro a 13 de abril de 2025, e foi divulgado por mídias digitais como *Facebook*, *Instagram* e *WhatsApp*.

Após a coleta dos dados, foi realizada uma análise de conteúdo (Bardin, 2011), que teve início com a pré-análise, com uma leitura flutuante das respostas abertas para familiarização com o material, sua organização e concepção de norteadores para conduzir a interpretação dos dados. Posteriormente, foi realizada a exploração do material com a identificação das unidades de registro que foram codificadas em cores, e, posteriormente, agrupadas conforme a sua similaridade semântica. Por fim, os agrupamentos foram





categorizados, de forma exclusiva. A partir disso, os dados foram interpretados pela convergência ao problema de pesquisa. Esta análise resultou nas categorias apresentadas no Quadro 1.





Tema	Categoria	Subcategoria	Caracterização	Unidades de Registro
Fonte de pesquisa para os/as professores/as	Artigos Científicos	-	Meios formais de veiculação de conhecimento científico, bem como bancos de dados.	Artigos científicos; Artigos; Estudos científicos; Pubmed; Literatura acadêmica; Textos acadêmicos;
	Instituições de Saúde	Pesquisa	Instituições produtoras de conhecimento científico com papel técnico na pesquisa e na validação de informações.	Trabalho da ANVISA; Organização Mundial da Saúde; Instituto Butantã; Fiocruz;
		Política Pública	Órgãos e canais governamentais de mediação política e administrativa da saúde pública, não diretamente envolvidas na produção científica.	Secretaria de Saúde; Ministério da Saúde; Site do Ministério da Saúde; Campanhas do Governo Federal; Endereços eletrônicos do Ministério da Saúde;
	Divulgação Científica	-	Fontes voltadas à popularização do conhecimento científico, ou seja, fontes com linguagem científica decodificada para o público leigo.	Divulgadores científicos; Site de notícias como G1; Revista Superinteressante; Revistas de divulgação científica; Revista Genética na Escola;
	Material Didático	-	Materiais utilizados em contextos formais de ensino.	Livros didáticos; Cartilhas de vacinação; Apostila fornecida pela SEDUC; Livros universitários; Livro de biologia do Campbell
	Fonte Geral de Informação	-	Fontes que foram trazidas de forma ampla e inespecífica, que podem refletir em uma pluralidade de meios utilizados para buscar informação.	ChatGPT; Livros; Sites confiáveis; Bibliotecas digitais; Documentários; Entrevistas; Internet; Planfletos informativos; Fontes seguras; Google; Vídeos no YouTube;
Prática Docente	Conteúdo	Frequência	Regularidade que o assunto foi abordado.	Assunto mais constante; Falamos mais sobre o assunto; Necessidade constante;
		Abordagem Enfática	Reforço no discurso com maior intensidade.	Enfoque maior; Ser insistente; Abordar de forma intensa; Frisar mais; Grande destaque;
		Importância sobre as vacinas	Esclarecimento sobre a importância e o funcionamento das vacinas.	Não tomar vacina pode levar a óbito; Efeitos colaterais mínimos; Importância das vacinas;
		Combate à Fake News	Combate à desinformação, correção da informação com esclarecimento científico e incentivo ao uso de fontes confiáveis.	Não tem chip ou causa autismo; Assinalar com o correto; Esclarecer os mecanismos; Buscar fontes seguras; Reforçar a existência de outras vacinas; Explicar o erro; Trazer notícias verdadeiras; Rebater <i>fake news</i> ; Desmentir; Mostrar plataforma confiáveis;
	Postura dos Alunos	Participação	Atitudes e reações dos discentes.	Maior interesse; Grande participação;
		Conhecimento	Nível de conhecimento dos discentes.	Aumento do conhecimento; Não saber muito; Não ter maturidade;
	Desenvolvimento do Senso Crítico	-	Preocupação dos docentes em formar alunos capazes de avaliar criticamente informações	Perceber incongruência das informações; Não podem acreditar em tudo; trazer para a realidade;

Quadro 1. Análise de conteúdo das repostas dos professores. Caracterização das categorias e subcategorias definidas a posteriori e suas unidades de registro.

Fonte: Autoria própria.

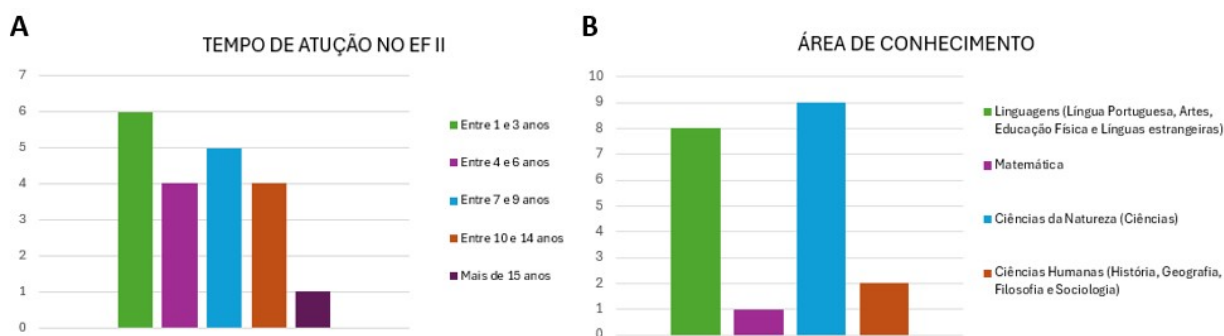


RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para compreender o perfil dos 20 docentes participantes, foram coletados dados sobre idade, tempo de atuação na Educação Básica (EB) e no EF II, área de conhecimento e formação acadêmica. No que se refere à faixa etária, percebe-se uma composição heterogênea: 20% possuem entre 25 e 29 anos, 30% entre 30 e 34 anos, 20% entre 35 e 39 anos, 5% entre 40 e 44 anos e 25% com mais de 45 anos. O tempo de atuação na EB também varia, com profissionais com experiência recente, cerca de 20% atuam entre 1 e 3 anos, e outros 20% entre 4 e 6 anos, até docentes com percursos mais consolidados, sendo que 30% estão na profissão entre 10 e 14 anos, e 15% atuam há mais de 15 anos.

Com relação ao tempo de atuação no EF II, 30% atuam entre 1 e 3 anos, 20% entre 4 e 6 anos, 25% entre 7 e 9 anos, 20% entre 10 e 14 anos e 5% há mais de 15 anos (Figura 1A). Esses dados sugerem um grupo com vivências pedagógicas significativas, o que pode influenciar a forma como abordam temas complexos, como vacinas e desinformação. Nesse sentido, Nóvoa (2019) discute como a trajetória docente é marcada por diferentes fases profissionais, que influenciam no modo como os docentes percebem e reagem a mudanças no contexto educacional.

Figura 1. Perfil dos professores participantes. A Tempo de atuação no Ensino Fundamental II. **B** Área de conhecimento. Em um total de 20 respostas.



Fonte: Autoria própria.

Em relação à área de conhecimento de atuação dos docentes, observou-se que 40% são da área de Linguagens, 5% de Matemática, 45% de Ciências da Natureza e 10% de Ciências Humanas (Figura 1B). A predominância de professores de Ciências da Natureza é coerente com a natureza da temática de vacinas. Contudo, a participação de professores de outras áreas pode influenciar na abordagem dos conteúdos e nas estratégias adotadas para tratar de temas de saúde pública, como o ensino de vacinas e o combate a *fake news*. Nesse sentido, a educação em saúde no ambiente escolar deve ser uma prática interdisciplinar, uma vez que as práticas pedagógicas em saúde podem ser planejadas e integradas ao currículo de forma



efetiva articulando saberes científicos e sociais para formar cidadãos críticos e responsáveis (Menezes et al., 2020).

A formação acadêmica dos docentes revela um predomínio de licenciados em Ciências Biológicas (39,13%), seguido por Letras, sendo 17,39% com habilitação em Língua Portuguesa e 13,04% em Língua Inglesa. Os 29,58% restantes distribuem-se entre Artes Visuais (8,70%), Pedagogia (8,70%), Educação Física (4,35%), Matemática (4,35%) e Geografia (4,35%). Observou-se que 75% dos docentes possuem algum tipo de formação continuada, incluindo mestrado acadêmico e especializações. Contudo, nenhum dos participantes declarou ter realizado formação continuada em temas como à promoção da saúde ou vacinas. Neto e Araujo (2025) destacam a importância da formação continuada deve priorizar a reflexão crítica sobre a prática pedagógica e o desenvolvimento de conhecimentos sobre temas de relevância social e científica no currículo escolar.

A urgência dessa abordagem foi acentuada pela pandemia da COVID-19, que impôs transformações na prática docente e evidenciou a necessidade de discutir temas como a vacinação no ambiente escolar. Tais transformações ocorreram em um cenário de intensa polarização política e embates ideológicos no Brasil, que repercutiram diretamente nas decisões de saúde pública. Durante a pandemia, o país presenciou um governo com postura negacionista em que frequentemente o Ministério da Saúde adotava posicionamentos contrários as recomendações de instituições de pesquisa, como a Fiocruz e a ANVISA (Ferreira, 2020; Mota et al., 2023). Essa polarização alimentou a desconfiança e a hesitação vacinal na população. Paralelamente, o sentimento de medo, seja de se imunizar, seja de óbito pela COVID-19, intensificou-se em diversos segmentos sociais, um fator que influenciou o comportamento político e sanitário dos indivíduos (Pereira et al., 2020).

O impacto desse cenário no contexto escolar é ilustrado pelos depoimentos: o professor 15 observou que “as pessoas começaram a ter medo de se vacinarem por conta da política negacionista que aconteceu na pandemia.”. A professora 20 afirmou que “Percebo que o tema se tornou polêmico, tendo em vista a polarização política dos últimos anos e a popularização das *fake news*.”. A intensa circulação de informações falsas contribuiu para a insegurança quanto à eficácia dos imunizantes e de tratamentos contra a COVID-19 (Lopes et al., 2022).

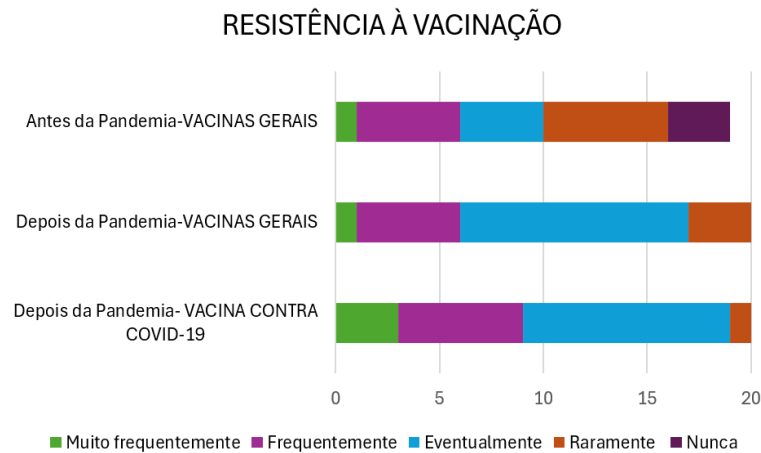
Nesse sentido, analisar a opinião dos professores sobre a hesitação vacinal antes e após a pandemia ajuda a compreender as mudanças em sua prática docente. Questionados sobre a resistência dos pais ou responsáveis em vacinar os estudantes antes da pandemia da COVID-19, 5% dos professores notaram que essa resistência era muito frequente, 25%





avaliaram como frequente, 20% como eventual, 30% como rara, 15% afirmaram não ter percebido resistência alguma (Figura 2). É importante observar que uma professora não respondeu a essa pergunta pois começou a lecionar após a pandemia.

Figura 2. Opinião dos professores participantes da pesquisa sobre a hesitação vacinal pelos pais ou responsáveis. O número de respostas dos professores participantes de um total de 20 respostas.



Fonte: Autoria própria.

Já ao serem questionados sobre a hesitação vacinal pelos responsáveis após a pandemia, 5% dos professores passaram a perceber essa resistência muito frequente, 25% como frequentemente, 55% como eventual e 15% como rara (Figura 2). O aumento na categoria “eventual”, de 20% antes para 55% após a pandemia, sugere que houve um aumento na hesitação vacinal com mais manifestações de inseguranças entre os responsáveis pelos alunos podendo ser um reflexo da infodemia vivenciada na pandemia (Mota et al., 2023).

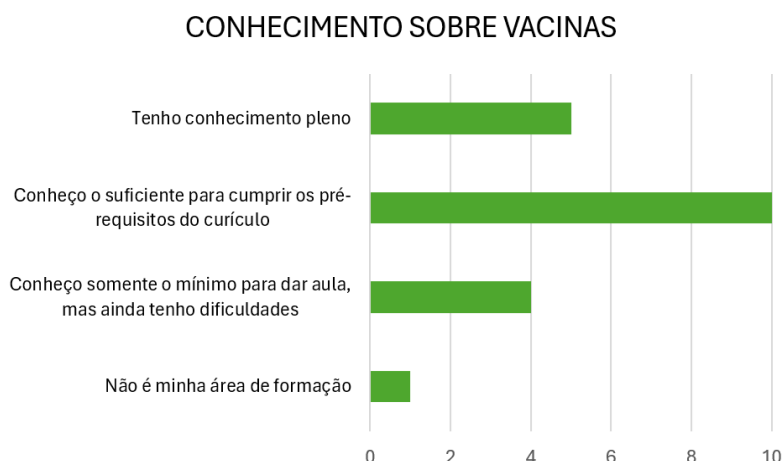
Por fim, ao questionar especificamente sobre a resistência às vacinas contra a COVID-19, 15% dos docentes percebiam esse receio de imunizar como muito frequente, 30% como frequente, 50% como eventual, 5% como rara (Figura 2). Dessa forma, observa-se que mais da metade dos professores notaram alguma hesitação em relação ao imunizante contra o vírus. Essa incerteza se intensificou pela rápida disseminação de informações nas redes sociais, que aprofundou a polarização e contribuiu para a hesitação vacinal (Johnson et al., 2020).

O contexto sociopolítico polarizado que marcou o país afetou a percepção pública sobre a ciência e comprometeu as ações de saúde pública. A queda nas taxas vacinais, iniciada antes da pandemia, contribuiu para o ressurgimento de doenças controladas (Distrito Federal, 2022). Segundo Almeida e colaboradoras (2025), a baixa cobertura vacinal infantil é multifatorial, resultante da estratificação social, COVID-19, hesitação vacinal, desinformação e dificuldades de acesso aos serviços de saúde. Contudo, esse cenário pode ser revertido com parcerias entre escolas e universidades para ampliar o acesso e a efetividade das vacinas na comunidade, conferindo aos docentes um papel ativo na promoção da saúde escolar.

Diante desse cenário, 90% dos docentes concordam completamente que estimulavam os alunos a atualizarem o cartão vacinal e 5% concordar parcialmente. Por outro lado, 5% discordam completamente do incentivo, assim, a professora 2 afirmou que “A dificuldade em abordar este tema está também na sala dos professores, onde muitos se tornaram resistentes à vacinação. Com relação aos alunos, a resistência vem dos pais, mas em menor número do que eu imaginava.”, mostrando essa resistência observada na polarização ambiente escolar.

A capacidade de estimular a vacinação e de combater a desinformação pode estar ligada ao nível de conhecimento e à segurança dos docentes. Quando questionados a respeito do domínio sobre o tema de vacinas, 25% afirmaram possuir conhecimento pleno e 50% conhecem o suficiente para cumprir os requisitos do currículo (Figura 3). Com 75% dos docentes se considerando aptos a ensinar sobre o tema, espera-se que estejam preparados para promover uma educação crítica em saúde, em consonância com as competências gerais da BNCC.

Figura 3. Opinião dos docentes participantes da pesquisa sobre seu conhecimento a respeito tema vacinas. Em um total de 20 respostas.



Fonte: Autoria própria.

Por outro lado, 20% dos docentes afirmaram conhecer apenas o mínimo para dar aula, mas ainda com dificuldades e 5% afirmaram que não é sua área de formação (Figura 3). Essa limitação de conhecimentos a respeito do tema pode comprometer a eficácia das ações educativas e a promoção da saúde, especialmente em um contexto social permeado por discursos negacionistas e pela rápida disseminação das *fake news*. Nesse sentido, a educação científica implica a formação de sujeitos críticos, capazes de compreender a ciência como uma construção social, situada historicamente e passível de mudanças (Sasseron, 2015).

A forma como os professores buscam e validam informações sobre vacinas é um fator crucial que complementa o nível de conhecimento. No contexto de desinformação, as fontes





de pesquisa utilizadas impactam diretamente na precisão dos conteúdos trabalhados em aula e na capacidade de orientar os alunos. A análise das respostas identificou cinco subcategorias de fontes de pesquisa utilizadas pelos docentes (não excludentes): artigos científicos, instituições de pesquisa, divulgação científica, material didático e fonte geral de informação (Quadro 1).

Observou-se que 40% dos docentes utilizam artigos científicos e 40% usam instituições de saúde como fonte, indicando a busca por dados aprofundados e oficiais. O uso de fontes institucionais, no entanto, requer atenção devido à polarização política anterior. Além disso, 30% utilizam divulgadores científicos, sendo uma fonte essencial por simplificar conceitos complexos, atuando como ponte entre a ciência e o público leigo (Alves; Sudério, 2025). Já 35% citaram materiais didáticos. Embora essa fonte esteja alinhada ao currículo, questiona-se sua atualização e profundidade, visto que Moura (2022) observou que o conteúdo de vacinas não era tratado de forma consistente com o que está previsto na BNCC.

Quando questionados sobre a abordagem do tema vacinas, houve um aumento da abordagem do tema em sala de aula de 70% antes da pandemia para 90% após, o que sugere uma maior sensibilização dos professores. Esse aumento incluiu a incorporação do conteúdo por docentes de área de linguagens, sugerindo uma ampliação da relevância do tema. Em contrapartida, houve um caso de abandono do tema por uma professora de Ciências, o que é preocupante, pois o conteúdo é previsto nos documentos curriculares para o EF II (Brasil, 2018; Distrito Federal, 2018). Ademais, a ausência dessa abordagem pode indicar lacunas na formação docente ou insegurança diante da complexidade e da controvérsia associadas às vacinas. Dessa forma, Lima et al. (2021) apontam a necessidade de práticas pedagógicas que ajudem os estudantes a discernir informações científicas confiáveis em meio ao excesso informacional das redes sociais.

Em relação ao Conteúdo, a análise das respostas identificou quatro subcategorias: frequência, abordagem enfática, importância das vacinas e combate à *fake news*. Uma das mudanças indicadas na prática docente refere-se ao aumento da frequência e na ênfase com que o tema vacinas passou a ser abordado, sugerindo um esforço intencional de discutir o assunto no cotidiano escolar. Esse aumento na frequência e no enfoque foi destacado, por exemplo, pela professora 16: “tive que frisar mais sobre o assunto e até mesmo trazer conteúdo para além do previsto [...]”. Essa abordagem enfática sugere uma preocupação pedagógica em ampliar e qualificar as discussões, indo além do que está previsto nos documentos curriculares.





A percepção da importância das vacinas foi recorrente, o que legitima o conteúdo em diferentes áreas do conhecimento e contribui para a formação de sujeitos críticos. Cunha (2014) afirma que os professores reforçam o papel da ciência na promoção da saúde pública, fortalecendo a compreensão dos estudantes sobre os processos científicos e os benefícios da imunização. Nesse sentido, o combate às *fake news* surgiu como uma preocupação central entre os docentes. A maioria dos professores (80%) relatou que os alunos frequentemente trazem informações distorcidas sobre vacinas, oriundas das mídias digitais.

Os depoimentos dos docentes evidenciam o impacto da desinformação no ambiente escolar, reforçando a responsabilidade do professor em contextualizar, esclarecer e confrontar as inverdades com base em evidências científicas. A professora 3 relata sua estratégia: “se usarem *fake news* tento explicar que é uma notícia veiculada de forma errada e assinalo como é o correto”. De modo similar, o professor 15 destaca rebater as notícias “com fatos científicos e tento provar para eles que existe um método seguro para a fabricação de vacinas e que isso é muito importante para a manutenção da saúde individual e social”.

A partir dos relatos, fica nítido que o cenário pós-pandêmico exige uma postura ativa do professor na mediação e na promoção do letramento científico e informacional dos estudantes (Alves; Sudério, 2025). De forma que os alunos possam identificar e questionar conteúdos enganosos, cujo acesso foi intensificado pelas mídias digitais durante a pandemia. As observações feitas pelos docentes revelam uma dualidade: por um lado, houve um aumento do interesse e da participação dos alunos nas discussões sobre vacinas; por outro, a desinformação e a dificuldade de compreensão aprofundada do tema ainda são frequentes.

De acordo com Lima et al (2021), a pandemia ampliou a visibilidade do tema “vacinação” entre os estudantes, tornando-a acessível para o ensino. Entretanto, esse interesse não garante conhecimento científico consistente, visto a observação da professora 16: “os estudantes parecem não saber muito e costumam trazer informações coletadas de redes sociais como TikTok e Instagram”. Essa prática reforça a correlação direta entre o uso intensivo de redes sociais e o aumento da hesitação vacinal (Mascherini & Nivakoski, 2022). Tais plataformas, ao propagarem *fake news* em velocidade, impõem um desafio ao ensino de ciências. Nesse sentido, Alves e Sudério (2025) defendem que a escola assuma um papel ativo na formação do pensamento crítico e no combate ao negacionismo científico, tornando o desenvolvimento do letramento científico e informacional essencial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS





Este trabalho mostra um avanço na incorporação do tema “vacina” nas aulas, inclusive por outras áreas do conhecimento. Os resultados sugerem que a pandemia atuou como um propulsor, intensificando a frequência, a ênfase da abordagem e aumentando o engajamento docente na promoção da saúde pública e no desenvolvimento do senso crítico dos alunos. Muitos docentes utilizam múltiplas fontes de informação, com destaque para artigos científicos, documentos de instituições de saúde e materiais didáticos, embora a ausência de formação continuada específica sobre vacinas tenha se mostrado uma limitação na prática docente.

Por fim, em um contexto histórico marcado pelo ressurgimento de doenças imunopreveníveis e da queda nas coberturas vacinais, torna-se urgente investir na formação docente para uma abordagem transversal, crítica e contextualizada sobre vacinação, em consonância com os direitos fundamentais à saúde e à educação. Para que os professores mantenham esse papel estratégico, é indispensável que tenham acesso a conhecimento científico atualizado e desenvolvam competências em alfabetização científica e midiática. O ensino sobre vacinas, nesse sentido, ultrapassa os limites do currículo prescrito, configurando-se como uma responsabilidade social da escola na formação de sujeitos críticos, conscientes e engajados na promoção da saúde individual e coletiva.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, F. C. et al. Fatores associados à baixa cobertura vacinal infantil no Brasil: uma revisão integrativa. **Série Interlocuções Práticas, Experiências e Pesquisas em Saúde**, p. 49., 2024.
- ALVES, M. B. B.; SUDÉRIO, F. B. Divulgação científica na escola: a infografia como recurso didático no combate às falsas notícias e ao negacionismo à ciência. **Educere et Educare**, v. 20, n. 50, p. 27-50, 2025.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 229p, 2011.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular - BNCC: Ensino Fundamental**. Brasília - DF, 600 p, 2018.
- CUNHA, P. et al. Vacinas e a educação em ciências. **ComCiência**, n. 162, p. 0-0, 2014.
- DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. **Currículo em Movimento do Distrito Federal: Ensino Fundamental**. Brasília- DF, 312 p, 2018.
- DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Saúde do Distrito Federal. **Informativo Indicadores de Imunização 2021**. Subsecretaria de Vigilância à Saúde. Brasília- DF. 2022.
- FERREIRA, J. V. Infodemia e Desinformação em tempos de Pandemia. **Revista da Defensoria Pública do Distrito Federal**, v. 2, n. 2, p. 61-84, 11 nov. 2020.
- GIL, A. C. et al. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.





JOHNSON, N. F. et al. The online competition between pro- and anti-vaccination views. **Nature**, v. 582, p. 230–233, 2020.

LIMA, G. et al. Controvérsias sobre Vacinas: o que pensam os estudantes? **Revista Brasileira de Ensino de Ciências e Matemática**, v. 4, n. 2, 2021.

LOPES, G. H. et al. A influência das fake news na adesão à vacinação e no reaparecimento de doenças erradicadas: uma revisão de literatura. **Revista Eletrônica Acervo Médico**, v. 15, p. e10716-e10716, 2022.

MARTINS, R. X. A covid-19 e o fim da educação a distância: um ensaio. **EmRede-Revista de Educação a Distância**, v. 7, n. 1, p. 242-256, 2020.

MASCHERINI, M; NIVAKOSKI, S. Social media use and vaccine hesitancy in the European Union. **Vaccine**, v. 40, n. 14, p. 2215-2225, 2022.

MENEZES, F. D. F. et al. Educação em saúde no contexto escolar: construção de uma proposta interdisciplinar de ensino-aprendizagem baseada em projetos. **Revista Saúde e Pesquisa**, v. 13, n. 2, p. 353-363, 2020.

MINAYO, M. C. S. et al. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Editora Vozes Limitada, 2011.

MOREIRA, J. A. et al. Transitando de um ensino remoto emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de pandemia. **Dialogia**, São Paulo, p. 351-364, 2020.

MOTA, A. A. S. et al. Desordens informativas: análise de pronunciamentos de Jair Bolsonaro contra a vacinação de covid-19. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 311–331, jan./mar. 2023.

MOURA, R. P. **Análise do Conteúdo de Vacinação em Livros Didáticos do PNLD 2020/2023**. 2022. 62f. Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em Ciências Biológicas – Instituto de Ciências Biológicas. Universidade de Brasília. Brasília.

NETO, M. B. S.; ARAUJO, E. J. Formação continuada de professores pós-pandemia de covid-19: uma análise dos impactos e desafios na prática docente. **Revista Internacional de Formação de Professores**, v. 10, e025001, p. 1–21, 2025.

NÓVOA, A. Os professores e a sua formação num tempo de metamorfose da escola. **Educação & Realidade**, v. 44, n. 3, p. e84910, 2019.

PEREIRA, C. et al. O medo da morte flexibiliza perdas e aproxima polos: consequências políticas da pandemia da COVID-19 no Brasil. **Revista de Administração Pública**, v. 54, p. 952-968, 2020.

RONDINI, C. A. et al. Pandemia do covid-19 e o ensino remoto emergencial: mudanças na práxis docente. **Educação**, v. 10, n. 1, p. 41-57, 2020.

SASSERON, L. H. Alfabetização científica, ensino por investigação e argumentação: relações entre ciências da natureza e escola. **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências (Belo Horizonte)**, v. 17, n. especial, p. 49-67, nov. 2015.

SILVA, M. F. B. Educação em saúde no combate às fake news promovidas pelo movimento antivacinas na web. **Revista Semiárido De Visu**, [S. l.], v. 12, n. 3, p. 1510–1524, set. 2024.





SOARES, V. P.; SILVA, R. R. Utilização de um texto de divulgação científica sobre vacinação: Uma proposta para o Ensino fundamental. **Experiências em Ensino de Ciências**, v. 16, n. 2, p. 11-25, 2021.

IX Seminário Nacional do PIBID

VIEIRA, M. I. S.; SILVA, F. A. R. Análise de concepções de professores do ensino fundamental de uma escola pública sobre HPV e sobre a campanha nacional de imunização. **Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, 2015. Anais do X ENPEC**. Águas de Lindóia, 2015.

WHO. Diseases. Coronavirus disease (COVID-19) pandemic. **World Health Organization**. 2023.

